

letra por letra



Reprodução: Wilson Eisenloeb

A colona, autoria de Cândido Portinari (1935)

JOSÉ OLYMPIO DA ROCHA

Quando morreu em 14 de agosto de 1977, num sítio da periferia de São Paulo, Carolina Maria de Jesus estava quase esquecida pelo público e pela imprensa. Dezesete anos antes — em 1960 — o livro *Quarto de Despejo*, diário de uma favelada, foi um dos maiores acontecimentos editoriais que o Brasil conheceu: basta que se diga que através de sucessivas edições atingiu 100 mil exemplares. Um tempo em que o livro no Brasil não se arriscava a atingir mais do que dois ou três mil exemplares por edição. O fenômeno Carolina Maria de Jesus, e quase certo, dificilmente se repetirá. Quando o jornalista Aurélio Dantas descobriu esses diários, escritos por uma humilde catadora de papéis na periferia de São Paulo, ficou surpreso pela sensibilidade como aquela

mulher, praticamente analfabeta, que em um dia-dia num português errado, era dona de um talento admirável, grande observadora da miséria humana que ela desempenhava como protagonista principal; ou como ela entendia o ser humano, seus companheiros de infortúnio

naquele bolsão de miséria que era a favela Canindé. Era um tempo em que os favelados não desfrutavam de um dia-dia falso imposto pelas novelas de televisão que hoje conseguem mascarar a miséria e, porque não dizer, cada vez mais numerosa degradação humana. Sem qualquer dúvida, de 1960 para cá o quadro se agravou, as favelas se multiplicaram, e os dramas sociais se aprofundaram no mapa do País, de ponta a ponta. Quando Carolina Maria de Jesus escreveu o *Quarto de Despejo*, ela estava no Brasil. Mas ao passar dos anos o drama tocante de famílias de favelados convive com o resto de um Brasil indiferente, da injusta

Diário da fome resistente

distribuição de renda. Talvez por isso é que se justifica, passados mais de 30 anos de primeira edição de *Quarto de Despejo*, a Editora Atica decidiu reeditar o livro, já agora numa edição destinada à leitura de estudantes, pois individualmente estes diários escritos com tanta humanidade são cada vez mais atuais. Afinal a miséria não muda de cara. Pode, no máximo, ser indiferente aos mais afortunados. O drama social pintado por Carolina Maria de Jesus é nacionalmente válido. Ela descreveu uma favela à beira do Rio Tietê. Uma nova geração que lê o livro nos bancos escolares estará certamente vendo os Alagados de Salvador ou tantas outras favelas que proliferaram de algum tempo para cá, introduzindo manchas negras nos mapas do turismo da orla em Salvador.

Quem poderá ignorar as Malvinas, mesmo que queira contemplar os coqueiros emoldurados pelo azul tropical do nosso céu? Não resta dúvida que a reedição destes diários é oportuna para o quadro social ainda não visto por uma nova geração. É não resta dúvidas também que continuam válidas as qualidades literárias do livro, as imagens narradas por uma mulher que tinha um poder de observação raro. Esta reedição respeitou fielmente a linguagem da autora, muitas e muitas vezes contrariando a gramática, mas é uma cópia fiel do seu realismo ao traçar da sua vida rica em adversidade aquilo que os outros não sentem. "Tenho paura dessas mulheres da favela. A língua delas é como os pés de galinha. Tudo espalha".

Essas imagens são frequentes no texto dos diários iniciados em 15 de julho de 1955 e concluídos a 12 de janeiro de 1960. No auge do sucesso, quando o seu livro atingiu todas as listas de *best-sellers* e sua vida foi levada ao teatro pela consagrada Ruth de Souza, Carolina Maria de Jesus respondeu a uma pergunta que todos os seus leitores queriam saber. Afinal, como um mulher tão humilde, sem qualquer instrução, poderia ter encontrado no ato de escrever um desabafo para seus sofrimentos? Não estava ali, entretanto, o repórter Aurélio Dantas, que foi o responsável pela publicação dos seus diários, e, portanto, pela sua fama: "Quando eu não tinha o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia meu diário", disse ela numa entrevista. Carolina Maria de Jesus, como tantos brasileiros, foi descendo os degraus da decadência. Ela teve professora que a aconselhava a ler e escrever "tudo que

surgisse na minha mente". Ensinou-a a consultar dicionário quando ignorasse a origem das palavras. "O marketing publicitário certamente fez da autora de *Quarto de Despejo* alguém fabricado. Uma vez famosa, Carolina Maria de Jesus *produziu* nada menos do que quatro outros livros: *Casa de Alvenaria*, 1961, *Provérbios*, 1963, *Pedaços de Fome*, 1963 e *Diário de Bitita*. Mas nenhum como aquele: cadernos achados pelo jornalista Aurélio Dantas, quando chegou na favela e lá encontrou a negra Carolina. Esses diários impressionaram muitos brasileiros como Raulo de Almeida, Sérgio Milliet e Manuel Bandeira. Incontestavelmente o seu valor está resistindo ao tempo.

■ José Olympio da Rocha é jornalista e cronista literário.

Quarto de Despejo, Carolina Maria de Jesus, Editora Atica, Série *Sinal Aberto*, 1993, 173 págs.

Recriações da verdade

EDUARDO MENDONÇA BAPTISTA

Ministando personagens de sua própria criação com figuras expressivas, representativas dos primeiros momentos do Cristianismo (Maria, Pedro, Paulo, Tiago, Lucas etc.), e ainda com figuras obscuras da Bíblia, a quem esta se refere em pequenínimas passagens (Lidia, Damaris, Zaqueu, Elmas, Tecilo etc.), Raymundo Dantas conduz o leitor, muitas vezes usando palavras dos próprios personagens extraídos dos textos bíblicos, a trilhar os princípios básicos da doutrina cristã.

Sem esquecer a necessária dose de sobrenaturalidade de Deus, ressaltando a possibilidade de ação efetiva na cura de enfermidades e solução de problemas impossíveis ao homem, o autor coloca a ênfase maior no amor, base da ação de Cristo entre nós. Esta ênfase, em caso extremo, torna o escritor descendente com a insistência do seu personagem principal, o jovem Jovar, em desejar Damaris (casada com Dionísio — ambos personagens bíblicos, evangelizados por Paulo em Atenas e casados pelo autor de *Galiléia*), contrariando, até o final do livro, o princípio da obediência

a Deus, caracterizado pelo não-cumprimento de forma persistente, de um dos seus mandamentos.

Repleto de referências bíblicas e, mais ainda, de pensamentos extraídos do "Livro dos livros", o leitor é conduzido de forma suave a conhecer ensinamentos pouco difundidos, principalmente considerando que a imensa maioria dos brasileiros, embora cristãos em princípios, pouco lêem e menos ainda entendem do conteúdo da Bíblia.

Sem fazer referências diretas a esta ou aquela religião, Raymundo Dantas deixa claro a sua opção ao além de conferir a Pedro certa supremacia sobre os demais líderes, fazer de Maria — ao mesmo tempo — uma rude trabalhadora, que chega a cortar lenha como parte de suas tarefas diárias, e uma mulher dotada de beleza singular e pele delicada, inclusive nas mãos. A sua condescendência com relação à forma de batismo, preferindo o "rio" mas aceitando a "pia", reforça esta opção (às crianças, entretanto, não foram batizadas e os adultos foram preparados para tal).

Da busca em *Aletéia* (primeiro livro da série de três previstos para compor

o conjunto *Na Rota do Deus Alado*) à obra em *Cesareia* (ainda em elaboração), passando pelo encontro em *Galiléia*, o leitor é conduzido à compreensão da forma pela qual cada ser humano pode trilhar os caminhos que levam à vida cristã. Busca — encontro — obra (prática).

Os questionamentos do homem, oportunamente levantados em *Aletéia* (primeiro livro da série), respondidos de forma a levar à essência da resposta — a necessidade do reencontro da criatura (homem) com o criador (Deus) —, encontram em *Galiléia* (segundo livro da mesma série), pouco a pouco, o aprofundamento das respostas externas, percebidas pelos nossos sentidos, que podem mostrar ao leitor a necessidade do encontro do seu próprio "lugar interior", várias vezes descrito no livro como aquele que permite enxergar as coisas como realmente são.

A negativa do seu próprio eu, a necessária humildade, a busca individual (bem mostrada com a ida de Elmas ao deserto

e o seu retorno transformado), a necessidade do gradativo "novo nascimento", representado pela mudança completa da maneira de pensar e de agir de cada personagem (cuja caracterização atinge o seu ápice na morte do melhor amigo do jovem Jovar), tudo isso leva-nos a conviver de perto com a expectativa que

Cristo tem daqueles que desistem por seus seus segundos. A vida na Cidade de Aletéia, retratada no livro *Galiléia* (Aletéia — cidade da verdade, cidade de Cristo; ele mesmo disse: "Eu sou o Caminho, a Verdade, a Vida, ninguém vem ao Pai, senão por mim" [João 14.6]) — mostra Jovar, Sênérés e seus companheiros nefitos empenhados na busca da verdade, amparados e orientados pelos mais experientes. É difícil ao leitor atento, deixar de envolver-se nesta busca, como se sua fosse.

■ Eduardo Mendonça Baptista é engenheiro químico e diretor regional da Associação dos Homens de Negócio do Evangelho Pleno (Athonop).

Galiléia, Raymundo Palma Dantas, Rito de Janeiro Editora Vozes, 1993, 205 págs.